



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



O LIVRO DIDÁTICO E A RENOVAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA

Alexandre De Souza Silva¹, Denise Santos de Araújo², Rondinely Gomes Medeiros³, Viviane Lopes Celedonio⁴, Thaismara Ribeiro de Moura⁵, Mikaely Lima dos Santos⁶, Max Lanio Martins Pina⁷, Maria Juliana De Freitas Almeida⁸

1 Graduando do curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Porangatu, bolsista PIBID- CAPES. alexandredesouza1.0@hotmail.com 2 Graduanda Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 3 Graduando Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 4 Graduanda Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 5 Graduanda Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 6 Graduanda Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu. 7 Docente Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu, Voluntário da IES. 8 Docente Universidade Estadual de Goiás/ Porangatu, Coordenadora de Área.

INTRODUÇÃO

Professores e alunos não se entendem. Os professores reclamam do pouco interesse dos alunos, que por sua vez, reclamam que as aulas de história são chatas. Na grande maioria das aulas de história percebe-se o uso quase exclusivo do livro didático, principalmente dos textos neles contidos, de forma que o conhecimento histórico é dado sem que haja a necessidade de reflexão por parte do aluno, confirmando a visão que os alunos têm de que a História é um simples exercício de memorização. O que inevitavelmente nos leva a questionar a relação entre o pouco interesse que a História desperta entre os alunos e o uso mais comum do livro didático como um manual. Não se pretende, com este trabalho, propor o banimento dos livros didáticos das salas de aula de história, mas sim refletir sobre o mesmo, propor alternativas de uso para que o ensino da disciplina de História torne-se mais prazeroso, através da construção coletiva de conhecimentos históricos (OLIVEIRA, 2010, p. 11).

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

OBJETIVO(S)

Este trabalho tem por objetivo principal discutir o uso do livro didático de História em sala de aula. Para atingir este objetivo o mesmo será desdobrado em dois objetivos específicos: caracterizar o livro didático e em seguida propor possibilidades para sua utilização, para além do texto.

METODOLOGIA

Este é um trabalho de revisão bibliográfica, que parte da vivência nas aulas de História pelos bolsistas do PIBID, subprojeto de História do Campus de Porangatu da UEG, em uma escola da rede estadual com alunos do Ensino Fundamental II fase.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um debate não muito recente, mas ainda atual, no ensino de História é sobre o livro didático e a sua utilização em sala de aula, sua supremacia em detrimento do uso de diferentes linguagens e fontes, a qual negligencia os avanços no campo da historiografia, a ampliação da noção de documento e temática das pesquisas. Muitas vezes o livro didático é usado como um manual, ou seja, seguindo passo a passo suas “instruções” sem possibilidades para o diálogo, de forma mecânica e monótona, conforme salienta Marisa Lajolo,

O manual de instalação de um aparelho, por exemplo, produz significados, na medida em que, a partir da leitura dele, seu leitor aprende a instalar um videocassete, distinguindo pólo positivo de pólo negativo e ambos do fio de terra, ligando cabos diferentes a diferentes chaves, e assim por diante. (1996, p. 3).

Conforme a autora, o manual consegue criar um significado, mas não conhecimento duradouro. Logo, pela própria constituição do livro didático, o mesmo pode ser confundido com um manual: por ser suporte de conhecimentos escolares propostos pelo currículo, é suporte de métodos pedagógicos, ao trazer exercícios, atividades, sugestões de trabalhos e avaliações. Para Lajolo o livro didático é

o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil,



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina. (1996, p. 4).

Os livros didáticos são presença marcante no ensino. Já há bastante tempo recebem inúmeras críticas quanto ao conteúdo, erros e omissões, tornando-se polêmicos, sendo responsabilizados pela continuação do ensino tradicional da História, (BITTENCOURT, 2009, p. 300). Mas ainda é o material didático mais utilizado na maioria das escolas, quando não os únicos, cabendo aos professores a responsabilidade de reconhecer suas limitações e complexidades, transformando também suas deficiências em possibilidades criativas e autônomas, evitando o seu uso como manual

No processo de seleção do livro didático e ao longo de sua presença na sala de aula, é preciso planejar seu uso em relação aos conteúdos e comportamentos com que ele trabalha. É só a partir disso que se pode descobrir a melhor forma de estabelecer o necessário diálogo entre o que diz o livro e o que pensam os alunos. Pois é só na interação entre o saber que se traz do mundo e o saber trazido pelos livros que o conhecimento avança. (LAJOLO, 1996, p.6).

O livro didático é veículo de um sistema de valores, ideologias e cultura de determinada época e sociedade (BITTENCOURT, 2009, p. 301-302). Bittencourt (2009) e Fonseca (2003) chamam a atenção para o fato de o livro didático ser produto de uma indústria cultural e, como mercadoria, tem uma lógica específica que é atender às demandas do consumo. É sabido que o grande consumidor de livros didáticos é o Estado brasileiro, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o que permite ao mesmo manter grande controle sobre os mesmos, através dos currículos, do consumo e das avaliações, em uma relação claramente verticalizada. Por isso, não basta conhecer o livro didático, mas é necessário que o mesmo seja compreendido por seu processo de produção, distribuição e consumo (SCHIMDT; CAINELLI, 2004p. 135),

Esses três aspectos [produção, distribuição e consumo], envolvem historicamente, os contextos em que foram produzidos os livros – políticas editoriais, como as leis oficiais que regem a forma de produção dos livros, mercado e preços, entre outros – processos de compra e venda dos livros, políticas governamentais de aquisição de livros destinados à escola e consumo, ou seja, as maneiras como os livros chegam às mãos da população brasileira, bem como suas formas de utilização. Tais aspectos sugerem que

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

nenhum livro didático pode ser apreendido como produto abstrato ou neutro, distanciado do contexto histórico em que existiu ou existe. (SCHIMDT; CAINELLI, 2004, p. 135-6).

É fundamental então reconhecer o livro didático como um produto da indústria a serviço de um mercado consumidor, e não apenas como um material didático de uso estritamente escolar. É preciso compreendê-lo em sua complexidade e o que o liga a contextos fora da sala de aula.

Muitas vezes percebe-se a existência de uma certa subordinação do professor ao livro didático, que o utiliza de forma obediente, seguindo capítulos e páginas, como um guia, fato este que pode ser compreendido através da própria história do magistério e as precárias condições para o exercício da profissão por um grande número de professores,

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele, isto é, as atividades escolares através das quais um livro didático vai se fazer presente no curso em que foi adotado. (LAJOLO, 1996, p. 8-9).

Dentro da sala de aula, o seu uso deve se dar como material de apoio, que em hipótese alguma poderá deter a centralidade do processo ensino/aprendizagem, pois o professor deve ter uma relação de autonomia sobre o livro didático,

Alguns estudos apontam a importância da forma de utilização dos livros em sala de aula. Nesse sentido, pode-se afirmar que, dependendo da maneira de utilização do livro pelo professor, o conhecimento histórico assume, na relação ensino-aprendizagem, determinados significados: desde um conhecimento que não tem nenhum sentido para o aluno, até a possibilidade de trabalhar conhecimentos que contribuam para sua formação mais crítica e consciente, pois há estreita relação com suas experiências e realidade (SCHIMDT; CAINELLI, 2004, p. 137).

O uso do livro didático depende das escolhas feitas pelo professor e, para sua melhor utilização, é preciso explorar de forma mais adequada as suas potencialidades. Bittencourt (2009, p. 318-320) elenca uma série de atividades possíveis, iniciando por uma apresentação do livro, elaboração de uma ficha bibliográfica da obra, como utilizar o índice, proporcionando autonomia intelectual aos alunos, incentivando-os para o estudo e a pesquisa. Sem esquecer que o livro didático é mais do que um livro de textos, traz também mapas, gráficos, reproduções de obras de arte, letras de música, indicações de filmes entre outros, ou seja, o livro didático é polifônico.



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



Mesmo que sua linguagem principal seja a escrita, o texto, ele é portador de diversas outras linguagens, que de acordo com as escolhas e o planejamento do professor poderão ser úteis. A diversidade de linguagens presente no livro didático permite que seu uso seja repensado em nome de uma aula mais criativa, dinâmica e motivadora, usando-o de forma autônoma, rompendo com a dependência e submissão.

Ao se pensar em formas diferentes da convencional de se utilizá-lo, é necessário lembrar o que diz os PCN's com relação aos métodos que devem ser utilizados no ensino de História, o qual lembra da importância do trabalho com documentos/fontes históricas, sem querer fazer do aluno um pequeno historiador, mas levando-o a conhecer os métodos e procedimentos da pesquisa histórica. Possibilitando-lhe que produza um novo conhecimento, conforme Oliveira (2010, p. 11) “Produzir conhecimento histórico na dimensão do ensino escolar é construir coletivamente conhecimentos históricos (que serão novos apenas para os alunos) a partir do conjunto de saberes aceitos pela tradição historiográfica.”

Oliveira (2010, p. 11) afirma que as etapas de produção do conhecimento histórico são a base para o ensino de História, com a diferença que no ensino os procedimentos se realizam juntamente com os alunos, com fins específicos, não de produzir novo conhecimento, o que pretende a pesquisa histórica, mas que os alunos compreendam como o conhecimento histórico é produzido.

Ainda segundo Oliveira (2010, p. 11) são cinco os passos que devem ser apresentados aos alunos em sala de aula: Escolha do problema (tema, período histórico); O tempo é a categoria principal (como o assunto foi enfrentado por outras sociedades); Por meio das fontes dialoga-se com o tempo (neste caso a sugestão é a utilização dos recursos disponíveis no próprio livro didático como mapas, imagens, letras de músicas, documentos); Utilizam-se instrumentos teórico e metodológicos (conceitos, formas de proceder); Constrói-se uma narrativa (pede-se um texto, um debate, uma peça teatral, uma redação ou uma prova).

O professor poderá utilizar um ou mais documentos, de modo a provocar o aluno, extrapolando os limites do texto didático, buscando novos conhecimentos e explicações de acordo com o seu planejamento, lembrando que o livro didático não é o vilão do ensino, mas uma ferramenta que, se bem utilizada, poderá ser de grande valia, buscando até mesmo em suas falhas as possibilidades de enriquecimento do conteúdo e das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

O presente trabalho buscou demonstrar como o livro didático, por ser polifônico, ao incorporar às aulas de história métodos e procedimentos próprios do historiador proporciona múltiplas possibilidades de uso para além do texto didático, proporcionando um ensino de História mais motivador para professores e alunos, que passam a pensar historicamente e reconhecerem-se como sujeitos de uma sociedade.

AGRADECIMENTOS

Nosso respeito e agradecimento aos professores do Colégio Estadual Presidente Kennedy, que sem reservas nos acolheu conduziram-nos para a intimidade de suas salas de aula, propiciando a nós do PIBID, subprojeto de História do Campus de Porangatu, momentos únicos de crescimento e amadurecimento.

REFERÊNCIAS

BERUTTI, Flávio; MARQUES Adhemar. *Ensinar e Aprender História*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

CERRI, Luís Fernando. *Direito à fonte*. Nossa História. São Paulo: Vera Cruz, ano 1, n. 7, p. 66-68, mai. 2004.

LAJOLO, Marisa. *Livro Didático: um quase manual de usuário*. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>>. Data de acesso: 02/09/2014.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Introdução. In OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). *História: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 21)

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e ação no magistério)

SILVA, Marcos e FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho)